

# Tipos constitucionais e criminalidade

POR

LUÍS DE PINA

Professor aux. da Faculdade de Medicina  
Chefe dos Serviços de Antropologia Criminal e Identificação Civil  
Pôrto

---

(Comunicação apresentada à Soc. Port. de Antrop. e Etnol.  
em 12 de Março de 1934)

---

O ilustre antropologista prof. Mendes Corrêa realizou o ano passado, no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, duas notáveis lições sôbre Antropologia, na segunda das quais versou o tema *Constituição, raça, endócrinas. A personalidade humana*. Da leitura desta exposição colhe-se a certeza do atrazo em que anda o estudo da Biotipologia no nosso país. Diz, a êsse propósito, o cientista portuense (1):

*« Em Portugal não fôra ainda estudada a freqüência dos tipos constitucionais no conjunto da população. Aurélio da Costa Ferreira, Vitor Fontes e eu mesmo aplicamos a algumas figuras nacionais de*

---

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Biblioteca de Altos Estudos. Lisboa, 1933.

Em Lisboa existe um Instituto de Biò-tipologia, pertencente à Assistência Pública, dirigido pelo ilustre médico dr. A. de Cairnes.

No Pôrto tentia-se organizar outro, anexo à Faculdade de Medicina, assentando nesta iniciativa o seu director, prof. dr. Almeida Garrett, que nos prometeu todo o auxílio.

No Laboratório de Antropologia Criminal desta cidade, como adiante se diz, procede-se também, de há mais de dois anos para cá, ao estudo morfo-constitucional dos criminosos.

relêvo a classificação morfológica de Sigaud. Mas tratava-se do estudo de casos isolados. Só recentemente, na Beira-Alta, reüni alguns elementos a tal respeito numa série de 298 indivíduos do sexo masculino.»

A êstes trabalhos juntarei um outro, muito recente, do citado prof. Vítor Fontes, sôbre constituição e doenças mentais, publicado em Janeiro dêste ano (1).

E, no entanto, a importância do conhecimento da Biòtipologia é cada vez maior. Em Medicina e Higiene Social, como diz Nicola Pende (2), em Eugénica, em Criminologia, etc., ela reveste excepcional interêsse; o próprio político e dirigente de povos a deve conhecer, o que lhe será de inestimável valor na organização duma política biológica, psicò-fisiológica ou biò-sociológica.

A êste respeito publicou últimamente o prof. Arturo Sabatini um curioso artigo sôbre o futuro da raça através da colonização interna, focando especiais aspectos da política italiana e orientação da mesma nesse sentido, indicando utilíssimas iniciativas a pôr em prática (3).

Carmelo Midulla, professor na *Accademia Fascista de Educação Física*, em Roma, é um dos mais inteligentes admiradores das doutrinas constitucionais e suas aplicações aos problemas de que Pende nos fala. Assim o afirma o ilustre anatómico de Roma, prof. Versari, reitor daquela Academia, no prefácio do livro de Midulla sôbre Antropologia, a propósito da orientação morfò-constitucional na «...scelta degli esercizi fisici più appropriate al

(1) Vítor Fontes, *A constituição e as doenças mentais. Notas de Morfologia*. «Lisboa Médica», n.º 1, 1934.

(2) Nicola Pende, *Trabajos recientes sobre endocrinología y psicología criminal*. Trad. de Ruiz-Funes. Madrid, 1934.

(3) Arturo Sabatini, *L'avvenire della razza attraverso la colonizzazione interna*. «Il Popolo di Roma», 11 de Fevereiro de 1934. Roma.

*terreno organico del fanciullo educando.*» (1) Midulla, nessa obra, faz uma sincera e criteriosa apologia dêsse método, acompanhando-a dum valioso estudo de 100 desportistas italianos.

M.<sup>lle</sup> Chatelier, num trabalho de há 11 anos, tratava êstes mesmos problemas, falando da utilização dos estudos morfológicos em muitos sectores da Medicina, da Sociologia, da Higiene do Trabalho, da Pedagogia, etc. (2).

No que respeita à sua importância em Clínica, basta-nos ler as obras de Pende, o eminente patologista genovês e considerar o valor dos trabalhos saídos do seu Instituto Biò-tipológico.

O prof. Vítor Fontes, no seu já referido trabalho (3), acentua a íntima ligação entre fenómenos psíquicos e somáticos, elevando a morfologia ao nível que merece, em Clínica e em Propedêutica; e, a propósito da sua importância em Psiquiatria, diz que «*ela veio dar à psiquiatria e à psicologia um maior e mais preciso fundamento somático.*» É digno de nota também o seu trabalho sôbre os tipos morfológicos e sua aplicação à Medicina (4).

O conhecimento dos biotipos criminais é muito valioso ainda para a orientação no destino e tratamento a dar aos delinquentes.

(1) Carmello Midulla, *Antropologia fisica*. Roma, 1931.

(2) Chatelier, *Considérations morphologiques sur quelques faits sociaux*. «Bulletin de la Société d'Étude de Formes Humaines», n.º 2. Paris, 1923.

(3) Vítor Fontes, *A constituição e as doenças mentais*. Ob. cit.

(4) Vítor Fontes, *Os tipos morfológicos e a sua aplicação à Medicina*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. IX. Lisboa, 1924-25. Já depois de apresentada esta comunicação, recebi, por amável oferta de seus autores, os professores Vítor Fontes e Berardinelli (do R. de Janeiro), dois trabalhos sôbre doutrinas constitucionais, intitulados, respectivamente, «Crítica dos tipos morfológicos» (Arq. de Anatomia e Antropologia. Vol. XVI. 1233-34) e «Noções de Biò-tipologia. Constituição. Temperamento. Carácter» 1930. No do professor Berardinelli condensam-se os actuais conhecimentos sôbre a matéria, sendo de muito interêsse alguns capítulos que tratam do mesmo assunto a que se reporta esta nossa comunicação.

\*

\* \*

Como se viu, é muito pobre o rol de estudos portugueses neste campo; esta a razão da nota que estou lendo à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; ainda que muito modestamente, desejo contribuir com a minha parte para o estudo dos tipos constitucionais portugueses, em particular dos delinquentes.

No Laboratório de Antropologia Criminal do Pôrto, dirigido pelo prof. J. A. Pires de Lima, estou realizando, desde fins de 1931, investigações neste sentido, como Chefe de Serviço daquele estabelecimento oficial da Justiça.

Orientado pela moderna escola criminológica, organizei o plano de estudo dos delinquentes que passam por aquele laboratório, tendo já referido o método adoptado numa das minhas lições de concurso a professor auxiliar da Faculdade de Medicina do Pôrto, em 29 de Abril do ano passado <sup>(1)</sup>. Apresentei, então, os primeiros resultados desse exame, bem como todo o documentário utilizado para o mesmo e que consta de fichas a preencher, com as quais se organiza o processo de cada delinquente. Essas fichas dizem respeito ao exame morfô-fisiô-psicológico do criminoso, seguindo o novo caminho da Antropologia Criminal <sup>(2)</sup>.

Tenho aqui presente um exemplar de cada; numa colhem-se os dados biográficos, inscrevendo-se também o resultado das observações psicológicas e clínicas do indivíduo, bem como a classificação do tipo constitucional; noutra, complemento desta,

<sup>(1)</sup> Luís de Pina, *O estudo biológico do criminoso*. Inédito.

<sup>(2)</sup> Luís de Pina, *A investigação biológica criminal no Pôrto* «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal do Pôrto», n.º 3. Pôrto, 1931.

guardam-se as observações sobre a estrutura do corpo, segundo o critério da escola alemã (Kretschmer). Uma outra ficha, enviada a todos os Delegados do Procurador da República das comarcas de Àquem-Mondego, nas quais fôram julgados os delinquentes, é preenchida por esses magistrados, com indicações necessárias à organização do referido processo; essas indicações dizem respeito à biografia do delinquente, aos seus hábitos sociais, familiares, etc., isto é, elementos difíceis de colhêr, às vezes, por interrogatório, no nosso serviço. Os Delegados têm facilidade em nos prestar esses esclarecimentos, atendendo a que a vida e a personalidade dos criminosos, julgados nas suas comarcas, são bem discutidas em tribunal.

Desta forma completamos os exames dos delinquentes no nosso Laboratório; e, se esses exames não podem ainda, por exigüidade de instalação do mesmo, na Cadeia Civil e escassez de tempo e pessoal idóneo, ter o desenvolvimento requerido e ser executados com regularidade, como é nosso desejo, ao menos vai sendo organizada e aperfeiçoada a maneira de os executar num futuro melhor.

Devo dizer que, em 1932, assinado pelo Ministro da Justiça dr. Almeida Eusébio, foi publicado um decreto (n.º 20:877) que estabelece o exame biô-psíquico dos delinquentes nos três centros de investigação criminológica do país (Lisboa, Pôrto e Coimbra) <sup>(1)</sup>.

De alcance prático extraordinário e de elevado critério científico, esse documento, referindo-se à suspensão do degrêdo para Angola, substituindo-o por trabalho em colónias agrícolas, a exemplo da Itália e dos Estados Unidos da América, e tratando da criação de colónias agrícolas penitenciárias, estimando-se que a pên-

<sup>(1)</sup> *Diário do Governo*, n.º 37, 1 série, 13 de Fevereiro.

deixe de ser *intimidativa*, para ser *reeducativa*, trocando-se a *reclusão pela vida ao ar livre*, estabelece o mencionado exame no artigo quarto e seu parágrafo único:

Art. 4.º — O destino do condenado será fixado pelo Ministro da Justiça e dos Cultos, sob proposta do Conselho Penal e Prisional, que atenderá às circunstâncias seguintes, entre outras: constituição bio-psíquica do criminoso, seus antecedentes pessoais, meio social em que viveu, crime e condições em que foi praticado e a informação do director do estabelecimento e do Instituto de Criminologia ou repartição correspondente.

§ único — Para efeito de estudo indispensável à informação prevista na parte final deste artigo, os condenados farão estágio de trinta dias na Cadeia Civil do Porto ou na cadeia penitenciária respectiva.

Contudo, devo frisar que, anteriormente a este decreto e logo após o meu regresso, em 1931, dum estágio em Itália nos centros antropológicos de Bologna e Roma, como bolseiro da Junta de Educação Nacional, comecei organizando as referidas fichas e o indicado exame, a exemplo do que vi realizar-se no Cárcere de Regina Coeli, daquela capital (serviço do prof. Salvatore Ottolenghi).

Dêsse exame, como disse, faz parte o estudo da constituição morfò-psíquica do delinqüente. Na parte morfológica estamos utilizando o método de Giovanni-Viola, empregando as medidas antropométricas dêsses investigadores e as escalas de Viola sôbre o homem veneziano. Como é sabido, este método dá-nos a divisão dos indivíduos em megalò-esplâncnicos, normò-esplâncnicos e micrò-esplâncnicos.

O exame endocrinológico e psicológico será realizado segundo a doutrina de Pende e Kretschmer. Devo informar que começare-

mos a utilizar os perfis individuais sistematizados do prof. Mendes Corrêa, já apresentados a esta Sociedade (1).

Como, durante os exames atrás referidos, observei os quatro tipos constitucionais de Sigaud (respiratório, muscular, digestivo e

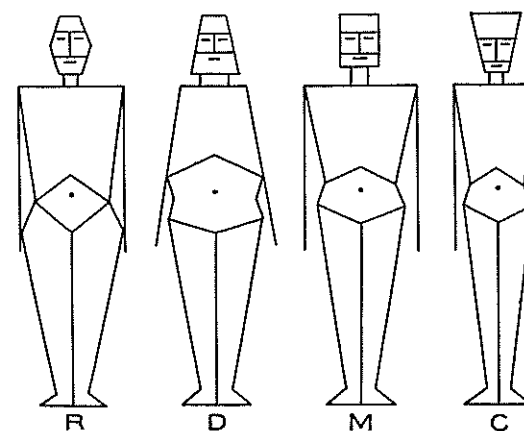


Fig. 1 — Esquemas dos tipos morfológicos (Robin P. — «Les déviations de l'évolution morphologique facio-cranienne chez l'homme actuel. Leur traitement». Bull. de la Soc. d'Et. des Formes Humaines. N.º 3. 1933). Executados segundo os tipos de Sigaud (Ind. por Thooris em «La vie par le stade»).

R — Respiratório, D — Digestivo, M — Muscular, C — Cerebral

cerebral. Figs. 1, 2, 3, 4), o resultado dessa observação será o assunto desta nota.

Desejaria ir mais longe e apresentar o que já pude colher segundo a escola constitucionalística de Viola e Pende; os casos estudados são poucos, em meu entender, e alguns ainda em observação demorada. Para outra vez deixarei o assunto.

(1) Mendes Corrêa, *Fórmulas e perfis individuais na Antropologia Criminal*. «Arquivos de Medicina Legal e Identificação», n.º 7, ano III. Rio de Janeiro.

\*  
\*   \*

Na lição referida fêz o prof. Mendes Corrêa o resumo de tôda a doutrina constitucional, sendo desnecessário repeti-lo neste momento. Simplesmente, quero apresentar um rápido esbôço de

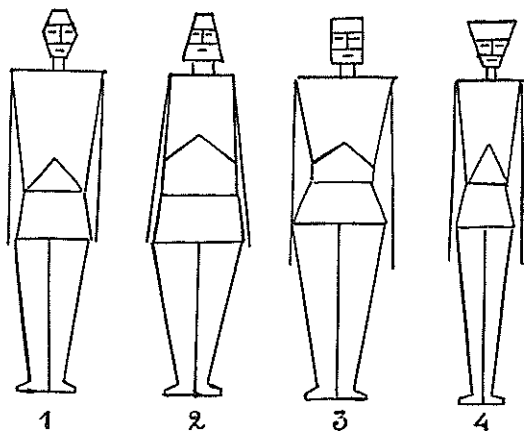


Fig. 2 — Esquemas dos tipos morfológicos. (Extraído de A. Theoris. «La vie par le Stade») 1 — Respiratório; 2 — Digestivo; 3 — Muscular; 4 — Cerebral

parte da história da mesma, na impossibilidade de a relatar completamente; esta se encontra muito largamente tratada por Mac-Auliffe (1), Arturo Sabatini (2) e outros investigadores.

Desejaria, também, deixar delineada a história das constituições, temperamentos, doutrinas humorais, etc., em Portugal, estu-

(1) Mac-Auliffe, *Les tempéraments. Essai de synthèse*. Paris, 1926; *Les origines de la Morphologie humaine*. «Bulletin de la Société d'Étude de Formes Humaines», n.ºs 2-3. Paris, 1925.

(2) Arturo Sabatini, *Contributo allo studio degli abiti costituzionali*. «Annali di Clinica Terapeutica», ano V, vol. XI, n.ºs 2 a 6.

dando a repercussão que no nosso país tiveram essas doutrinas, desde remotas épocas.

Dada a escassez de tempo, não posso fazê-lo; e, mesmo, vai sendo hora de entrar no tema dêste estudo. Fá-lo-ei noutra ocasião

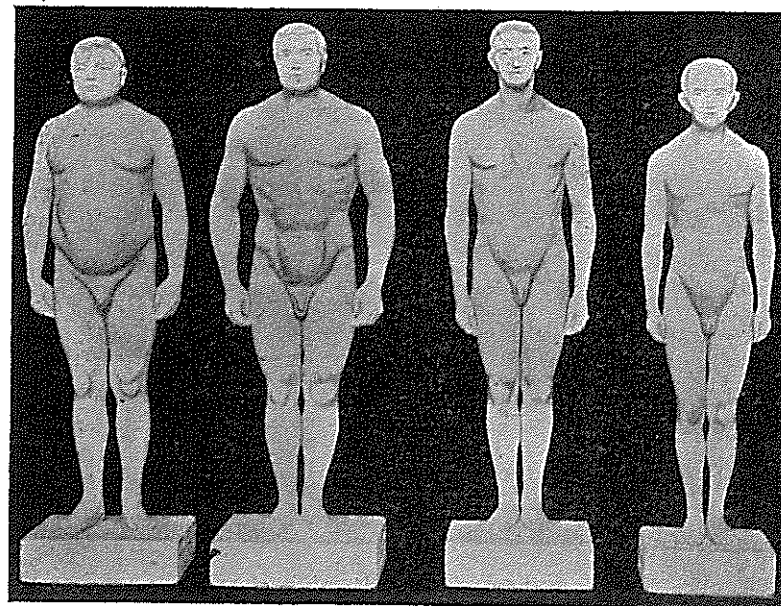


Fig. 3 — Representações plásticas dos 4 tipos Sigaud-Mac-Auliffe. Extr. de Anthropol. Gesellsch. in Wien. 1930-31: artigo de V. Lebzelter e Erna Engel-Baiersdorf, «Plastische Darstellung der Konstitutions-typen nach Sigaud und Mac-Auliffe».

e neste mesmo lugar, se a Sociedade de Antropologia e Etnologia tiver, mais uma vez, paciência de ouvir-me.

Não deixarei de notar, desde já, que os médicos portugueses, em especial e um ou outro amador cientista, trataram do assunto mais ou menos curiosamente, tal como se verificou com outros homens e outros lugares.

Assim, desde o nosso grande filósofo e médico do século XIII, Pedro Julião ou Pedro Hispano (Papa João XXI), nos seus notáveis

trabalhos de Psicologia, possivelmente a Rolando, médico do séc. XIV, com o seu *De Physionomia*, aos autores dos variados almanaques dos séculos XV e XVI (astrólogos, nigromantes, etc.), a El-Rei D. Duarte no seu precioso *Leal Conselheiro*, a Brás Luís de Abreu

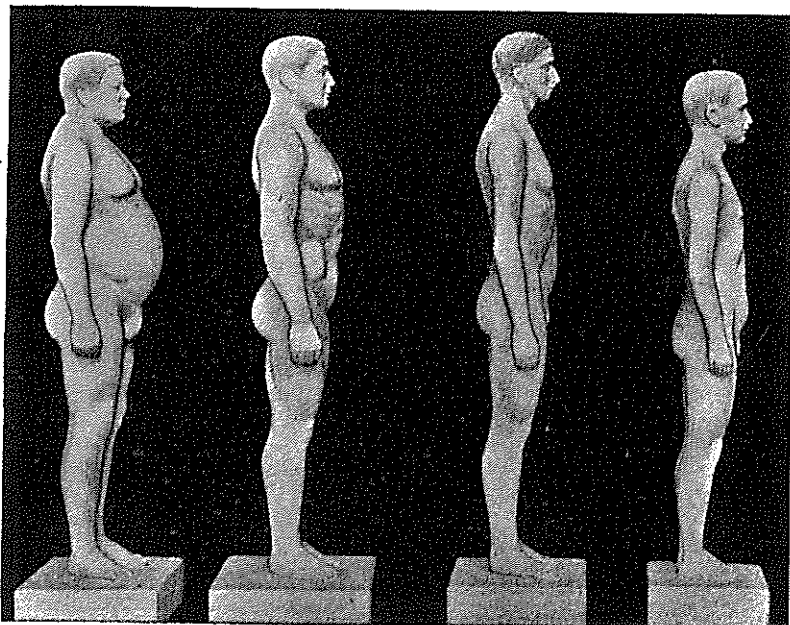


Fig. 4 — Tipos morfológicos de Sigaud e Mac-Auliffe  
Os mesmos da fig. 3, observados de perfil

e Fonseca Henriques, para não citar mais, do século XVIII, a Gama Machado, frenologista do século XIX, a Camilo Castelo Branco e outros, encontramos estudiosos dedicados à morfologia e humorismo, às relações do físico e do moral, do corpo e da alma, do soma e da psique.

Para amostra, peço licença de ler-lhes algumas passagens das obras de B. Luís de Abreu e Fonseca Henriques, bem como do famigerado *Lunário Perpétuo*.

O primeiro, sobre quem o nosso genial Camilo escreveu o conhecido romance *O olho de vidro*, deixou-nos o esquisito livro *Portugal Médico, etc.* (1), do princípio do século XVIII, há mais de 200 anos, que contém um capítulo intitulado *Reflexão symbolica. Medico physiognomico*, que começa por estas palavras, a respeito da dificuldade de estudo do assunto:

« Mais perpicax & aguda vista que a do Lynce, mayor difvelo, & alento que o do Veado, he neccessario para a prezente Indagação? Querer conhecer o homem por dentro, pella phyfionomia de fora; intentar definir os affectos do animo, pellas signaturas do corpo; he empenho, que transcede as balizas do barro, por mais, que atodas as luzes se atrevam as exhalaçoens do pó? »

Continuando a demonstrar a impossibilidade de, « sem Deos alcançar os altos segredos desta fabrica », Brás Luís refere alguns autores que disso trataram, como o célebre João Baptista della Porta, um dos mais notáveis fisionomistas do século XVI. A propósito da ciência fisionómica, no decorrer dos séculos, leia-se o que narra Antonini (2). Num dos meus últimos trabalhos deixei esboçada, muito ligeiramente, essa história, baseada na obra daquele autor (3); aí registo os mais velhos filósofos, médicos e naturalistas que da fisionomia trataram, entre os quais Anaximandro, Aristóteles, Galeno, Hipócrates, Riprandino, Scotto, Albano, Ingeneri, Pellegrino, Maramonte, Lavater, Gall, Otel, Morel, etc.

Mas, voltemos ao nosso médico, que diz, noutra ponto:

(1) Brás Luís de Abreu, *Portugal medico ou Monarchia Medico-Lusitana. Historica, Practica, Symbolica, Ethica e Politica, etc.* Coimbra, 1726.

(2) Antonini — *I precursori di Lombroso*. Turim, 1900.

(3) Luís de Pina — *Etiologia e Profilaxia do Crime*. Arq. da Repart. de Antrop. Criminal. Vol. II. T. 3.º. Porto, 1932.

«São porem taõ conjecturais, & incertos os arbitrios da *Physiologia*, que pella maior parte naõ respondem os *successos da vida...*» e «nem sempre o rosto he pregoeiro das acçoens; nem semper os olhos saõ interpretes da alma; como notou Cicero: *I Frons, oculi, vultus per faepe mentiuntur.*»

Cita casos em que o estudo fisionómico não acertou com o verdadeiro temperamento do indivíduo, como o caso de Sócrates estudado por Zópiro e Hipócrates por Philemon! A propósito, escreveu o curioso médico:

«...a deforme, & horrivel presença do gesto, he pregoeira de costumes depravados; & fiscal, que accuza o licenciozo das acçoens torpes; & tanto, que havendo em hum carcere alguns prezos por culpa grave, & que seja necessario offerecellos ao tormento para confessarem, quem tem fido os delinquentes; deve principiar-se a atormentar o que for mais feio, & deforme na *Physiologia do corpo*; como mais apto para commeter delictos; & por isso mais suspeito de ter delinquido no crime, de que o accuzaõ; como seguem Baldo, Hyppolito Marfilio, Paris de Puteo & Jozeph Mascardo.»

Brás Luís, por estas palavras, aceita a doutrina de alguns dos verdadeiros precursores de Lombroso! Mais adiante, o médico setecentista refere-se à constituição:

«He porem attendivel, & licito em quanto observa a determinada posição de tal, ou tal astro; de tal ou tal constelação, debaixo da qual o homem tem nascido; para dahi se conjecturar a complexão natural dos membros, a *physisca constituição das partes*; & a virtude, a força, & economia do todo; sem passar a mais indagação, que aquella, que por força dos influxos do Ceo, & constituições do Ar, nos pode dar fundamento para indicarmos o vigor, ou fraqueza das

faculdades; o tezaõ, ou debilidade das officinas; & da qui a immnencia dos achaques, ou continuação da faude; como largamente adverte Pedro Ciruelo Dorocense.»

A seguir, enumera as várias compleições humanas: Saturnina, Jovial, Marcial, Solar, Venérea, Mercurial e Lunática, derivadas dos sete planetas: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Lua.

Seria curioso descrever agora essas compleições, como interessante amostra de todo o capítulo; porém, isso ficará para outra vez, limitando-me a considerar, rápidamente, a Saturnina. Diz Abreu:

«O Planeta, de quem tomaõ a denominação, he frio, secco, melancholico, terreo, masculino, & diurno...»

Nesta compleição, a estatura do corpo he grossa, avultada, & grave; mas com alguma improporção a respeito das partes, que a compoem...; o rosto é grande, largo & comprido; a cor entre pallida, & livida...; a fronte larga, elevada, & cheia de lineamentos obliquos, tortuosos, & profundos; & entre elles se nota com mayo distincão a linha, que naquella parte chamaõ de Saturno...; a cabeça é imperfeitamente redonda; os cabellos negros...; os olhos negros, grandes; as sobrancelhas grandes, longas, espessas, & unidas huma com outra; o nariz grande, descarnado, & agudo; a fabrica avultada, & os orificios largos...; a bôca larga, & rasgada; o beijo superior mais contrahido; o inferior mais grosso...; o pescoço magro, comprido... cheio de musculos, tendoens, arterias & veas, que se manifestaõ com boa distincão...; os ombros grandes, grossos, largos, & levantados...; o peito grande, mas apertado; as costas largas, & espessas; a pelle aspera, & bem povoada de cabelos...; os braços robustos, & grossos; assim na grandeza dos ossos, como na fabrica

*dos musculos; os pés cheyos de veas superficialmente dispos/ta; abundantes de arterias que se distinguem; a pelle dura, & fetida.*

Não é custoso comparar êste conjunto morfológico com o tipo longilíneo de Pende, micrò-esplâncnico (Viola) e respiratório de Sigaud.

Eis como Abreu descreve o temperamento dos tipos saturninos:

*«Saõ pella mayor parte timidos, cogitabundos, & de profundas ideas, & inclinados as fabricas dos campos. Saõ melancholicos, tristes, dezabridos, inconstantes, cavilozos, perfidos, & dados aos voos de Venus pela falacidade de que he dotada esta complexaõ, & nimio provento de flatos que della resulta. Amaõ a soledade, aborrecem os ajuntamentas, bullicios & festas; enojamse de pouco, & duralhe muyto... este malevolo astro os inclina a ser dezalinados, immun-dos, & descompostos...»*

Pela maior parte destas características, podemos identificar êste temperamento com o hipertiroideu (Pende) e esquizóide ou esquizotímico (Kretschmer).

Num outro capítulo denominado *Microscomo, Sigillado pella Natureza, e discutido pella razaõ*, Brás Luís continua a relacionar a morfologia da cabeça, nariz, ombros, mãos, etc., com o temperamento do indivíduo.

Outros autores discreteiam sôbre estes assuntos, mas a occasião de os tratar não pode ser esta; todavia, não termino estas indicações sem me referir a mais duas obras: o *Lundrio Perpétuo* e *Medicina Lusitana, Socorro Delphico* (1), êste do já citado Fonseca Henriques.

(1) Fonseca Henriques, *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, Aos clamores da natureza humana, para total profligação de seus males*. Pôrto, 1750.

No primeiro, edição de meados do século XVIII, existe um quadro de correspondências das quatro qualidades, dos quatro elementos, das quatro partes do mundo, dos quatro ventos, das quatro partes do ano, dos quatro humores, das quatro idades e das qualidades dos doze signos! As quatro qualidades são: quente e úmida, quente e sêca, fria e úmida, fria e sêca; os quatro elementos, Ar, Fogo, Água e Terra; os quatro humores, Sangue, Cólera, Pleuma e Melancolia.

A páginas 67 começa a indicação dos sete planetas e das qualidades, e efeitos que causaõ nos que nascem debaixo de seus dominios, da *Physionomia*, que dá a cada hum, e das condiçoens, officios, e arte, a que cada hum se poderá applicar.

A citada obra de Fonseca Henriques, de 1750, apresenta uma parte final chamada *Dissertaçam unica dos humores naturaes do corpo humano*, muito curiosa, que demonstra vasta erudição do seu autor e louvável conhecimento das doutrinas médicas dos séculos XVII e XVIII. Em seu entender os humores não são os quatro da antiguidade (fleuma, sangue, cólera e melancolia), mas seis: quilo, sangue, linfa, cólera, suco pancreático e suco nervoso. No parágrafo III dêste tratado, emite a sua opinião sôbre o assunto, dizendo: *reprovamos aquella quimerica quaternião de humores, que os antigos consideraraõ no corpo humano*.

O autor fala-nos das propriedades, usos, constituição, origem, etc., dêsses humores, sendo interessante e digna de registo a ideia que fazia, em especial, do sangue e respectiva circulação, linfa e suco nervoso. Não como Van Helmont, que no século XVII combatia o *humorismo*, Fonseca Henriques queria, como se vê, a remodelação do mesmo, talvez suggestionado pelas novas teorias fisiológicas dos séculos XVII e XVIII.

Emfim, a história portuguesa dos temperamentos, das constituições, das doutrinas humorais, etc., apresenta-nos factos importantes que relatarei com largueza no já prometido trabalho.



\*

\* \*

No que respeita à mais antiga história dos temperamentos e constituições, somente desejo falar-lhes das doutrinas de Hipócrates e Galeno, para não ir mais longe rebuscar as suas origens, como fazem certos autores. Ao tempo de Hipócrates, Aristóteles, Asclepiades, etc., já elas se encontram esboçadas; Galeno estabeleceu, com mais precisão, a teoria temperamental.

Como graciosamente diz Afrânio Peixoto (1), a doutrina humoral «viveu séculos, milênios, até que a esqueceram. Quando a esqueceram, reinventaram-na.»

Eis como Hipócrates se refere aos quatro humores, no seu livro *Da Natureza do Homem*, segundo tradução italiana de Aldo Mieli (2):

«O corpo humano compreende sangue, fleuma, bile amarela e bile negra; isto é o que constitui a natureza do corpo e que cria a doença e a saúde. Há saúde quando estes humores estão em justa relação de mistura, de força e quantidade...»

A doutrina dos quatro elementos e das quatro qualidades foi secularmente admitida, neste arranjo de combinações (3):

Quente + sêco = fogo  
 Quente + úmido = ar  
 Frio + sêco = terra  
 Frio + úmido = água

(1) Afrânio Peixoto, *Criminologia*. Rio de Janeiro, 1933.

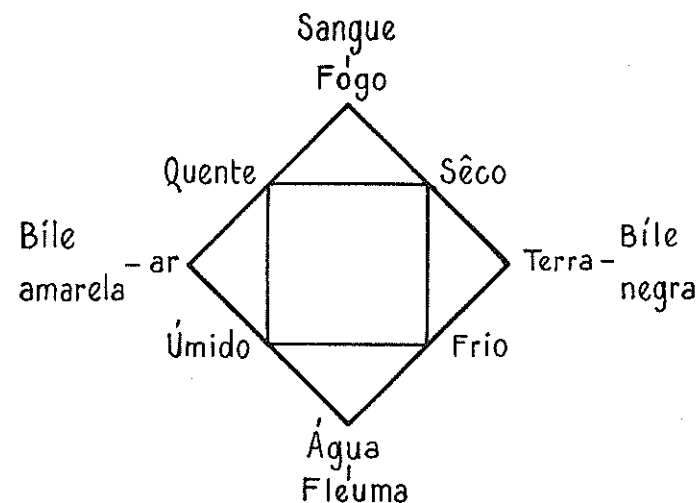
(2) Aldo Mieli, *Manual di Storia della Scienza. Antichità*. Roma, 1925.

(3) F. Garrison, *Introducción a la Historia de la Medicina*. Trad. de G. del Real. Madrid, 1921.

Analogamente se pode obter a seguinte composição de humores e qualidades (1):

Calor + úmido = sangue  
 Quente + sêco = bile amarela  
 Frio + úmido = fleuma  
 Frio + sêco = bile negra

Singer apresenta-nos, numa das suas mais notáveis obras, o seguinte esquema de combinações (2):



É também curioso o seguinte esquema de correspondências, apresentado por Mac-Auliffe (3):

Humor quente e úmido	Terra e água	Temperamento sangüíneo	Predomínio na Primavera	Predomínio na Infância	Doenças sangüíneas
	Humor quente e sêco	Terra e fogo	Temperamento bilioso	Predomínio no Estio	

(1) F. Garrison. *Id., id.*

(2) Charles Singer, *A short History of Medicine*. Oxford, 1921.

(3) Mac-Auliffe, *Les origines de la Morphologie humaine*. Ob. cit.

}	Humor frio e sêco	Ar e fogo	Temperamento melancólico	Predomínio no Outono	Predomínio na Idade viril	Doenças caquéticas
	Humor frio e úmido	Ar e água	Temperamento pituitoso	Predomínio no Inverno	Predomínio na Velhice	Doenças catarrais

Aos humores sangue, fleuma, bile negra e bile amarela corresponderam os temperamentos sangüíneo, fleumático, melancólico e colérico. Durante a Renascença, e mesmo depois, esta teoria estava em voga. Numa figura que logo farei projectar (fig. 5) ver-se-ão representados os quatro temperamentos por quatro imagens humanas, figura inserta no livro dos Barbeiros-Cirurgiões de York, guardado no British Museum e que data de cêrca de 1500. Essa estampa é apresentada por Singer na sua mencionada obra.

Como se sabe, essas doutrinas originaram a duradoira *patologia humoral* dos médicos galénicos e árabes, doutrina que se espalhou até ser utilizada na própria farmacologia, dizendo-se que certos medicamentos eram sêcos, frios, úmidos ou quentes.

Hoje ainda, na Medicina popular encontramos restos bem patentes dessas doutrinas nas qualidades dos fármacos caseiros, tradição que neste lugar não tenho tempo de estudar. A propósito da extensão dessas teorias à classificação dos alimentos, diz o erudito mestre Afrânio Peixoto <sup>(1)</sup>:

«O povo diz ainda hoje, expressões como esta que, para se compreenderem, há mister invocar Aristóteles: as carnes gordas são «quentes», como as castanhas, os amendoins; as frutas ácidas são «frias», como os cereais, as carnes brancas...»

(1) Afrânio Peixoto, *Criminologia*. Ob. cit.

O nosso já citado Fonseca Henriques, para não referir outros, deixou bem estudadas essas qualidades na conhecida obra *Ancora Medicinal*.

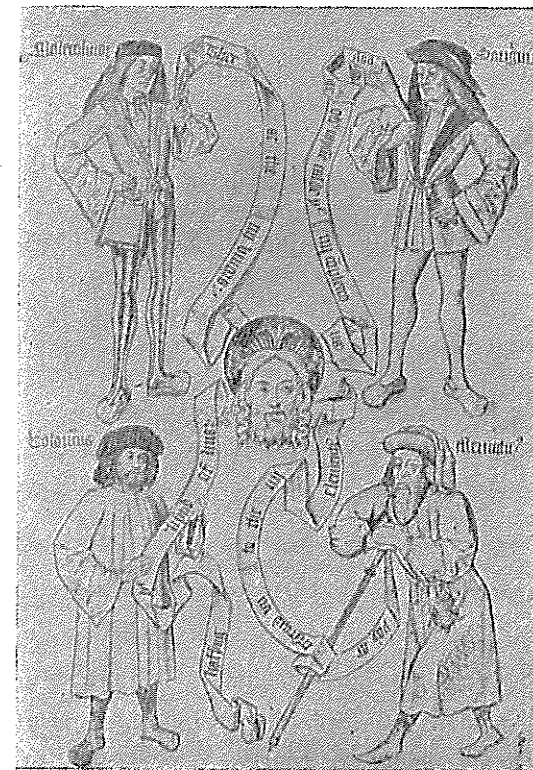


Fig. 5 — Os quatro temperamentos (Guild Bock-Barber Surgeons of York). Século xvi. (Extraído de Singer: *A short history of medicine*).

De cima para baixo e da esquerda para a direita: Melancólico, Sangüíneo, Colérico e Fleumático

Remato aqui êste incompleto esbôço histórico, para entrar no assunto desta comunicação, esperando que me seja desculpado o tempo com êle gasto, em prejuízo, bem o sei, do que agora passo a dizer.

\*  
\*   \*  
\*

A abundante e inútil, em grande parte, antropometria utilizada na observação de criminosos (importante em certos casos especiais, em determinados inquéritos judiciais, etc.), sucedeu

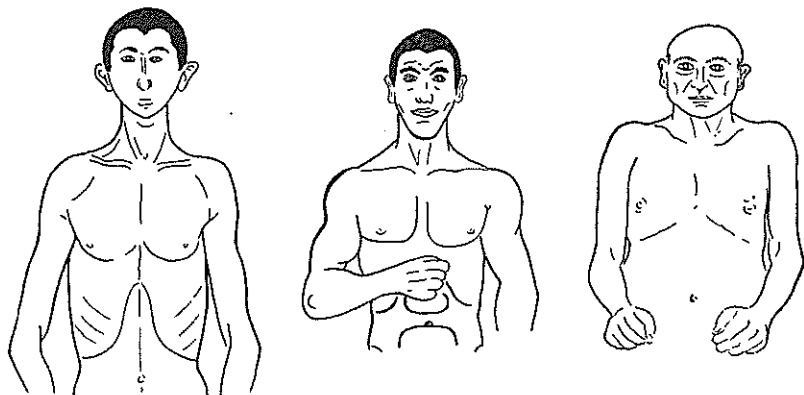


Fig. 6 — Os tipos morfológicos, de E. Kretschmer. Extr. da sua obra «La structure du corps et le caractère». Trad. franc. de Jankélévitch, Paris, 1930.  
Da esquerda para a direita: *asténico, atlético, pícnico*

uma mais acomodada e simples inspecção morfológica, no sentido do estudo dos tipos constitucionais. Alguns métodos modernos excluem mesmo as medidas, em grande parte; outros as utilizam mais ou menos largamente, como os de Kretschmer (Figs. 6 e 7) e Viola (Fig. 8). O método francês de Sigaud-Mac-Auliffe não requiere medidas antropométricas: a observação é visual. Ainda recentemente o professor brasileiro Bastos de Ávila tratou êste mesmo assunto, pondo em relêvo o exame antropométrico dos tipos morfológicos, a que chama Antropò-tipologia (1).

(1) Bastos de Ávila, *Curso de Antropometria*. «Boletim do Museu Nacional», n.º 2, vol. IX. Rio de Janeiro, 1933.

Utilizando, como disse, o método de Sigaud na avaliação constitucional dos delinquentes, não entrei em detalhes de sub-tipos ou variedades, admitidos por Chaillou-Mac-Auliffe: e, contudo, é abundante o número dos tipos-desvios ou mistos, incluindo os de maior ou menor dismorfia patológica.

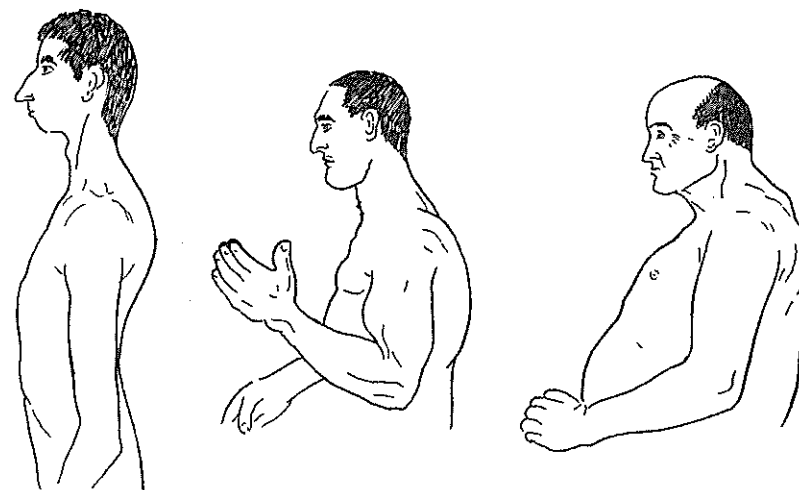


Fig. 7 — Tipos morfológicos de Kretschmer  
Os mesmos da figura anterior, de perfil

Segundo Viola, 50 % dos indivíduos dum grupo são tipos mistos; os restantes, são, de facto, tipos mais ou menos puros. Montandon o confirma nestas palavras (1):

« Quant à la fréquence des types constitutionnels purs, il en est de même que des types raciaux purs: ils sont rares. Pour un type caractérisé, on rencontre quantité d'intermédiaires à tous les degrés. »

Nos casos duvidosos, que muitos são, segui o critério do

(1) G. Montandon, *La Race. Les Races*. Paris, 1933.

prof. Mendes Corrêa, perfeitamente aceitável (1): classifiquei o tipo segundo a predominância dum dos componentes. Em muitos casos

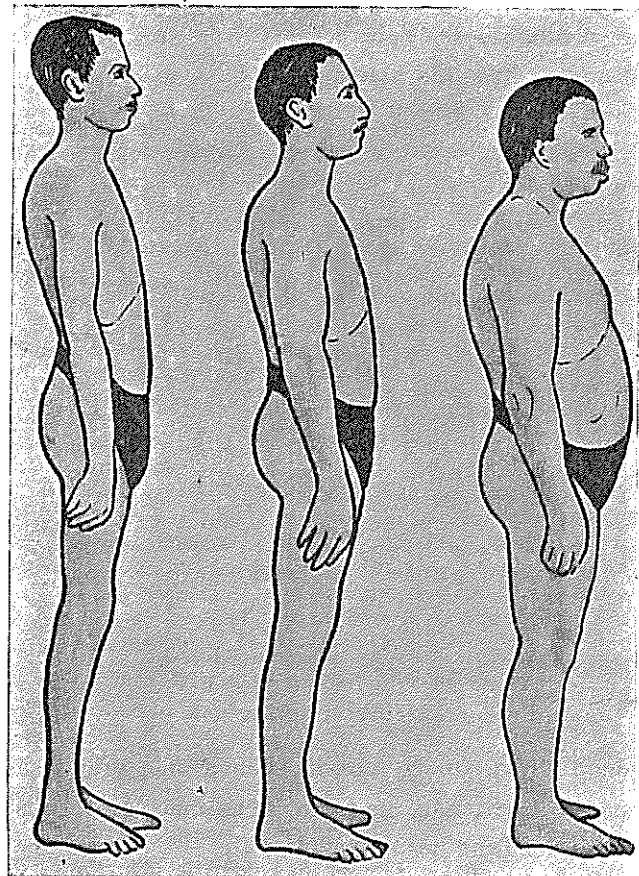


Fig. 8 — Tipos constitucionais, segundo Viola (extraído de: A. Sabatini, «Contributo allo studio degli abiti costituzionale. Anali di Clinica Terap.». Vol. v. N.ºs 2 a 6).

Da esquerda para a direita: *Micro-esplâncnico*, *Normo-esplâncnico*, *Macro-esplâncnico*

não se observa aquela sistematização ou esquematização dos tipos crânio-faciais, próprios das diferentes constituições, de que nos fala a escola francesa.

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Ob. cit.

Estimaria tratar êste assunto aqui, mas o problema é complexo e importante, merecendo estudo especial.

Esta minha nota baseia-se na observação de 350 criminosos diversos, na sua grande maioria naturais do Norte do País, todos do sexo masculino. As idades dos mesmos escalonam-se entre 18 e 72 anos, notando-se ser muito reduzido o número dos que contam idade inferior a 25 anos, se bem que para o estudo dos tipos constitucionais a pouca idade dos indivíduos cause diferenças de pouca monta.

Eis os crimes que levaram à cadeia os homens examinados:

Furto . . . . .	156
Homicídio voluntário. . . . .	54
Ofensas corporais . . . . .	45
Desfloramento . . . . .	10
Mendicidade . . . . .	10
Abuso de confiança . . . . .	9
Desobediência à autoridade. . . . .	8
Estupro . . . . .	6
Homicídio frustrado . . . . .	5
Moedagem falsa . . . . .	5
Dinamitistas . . . . .	4
Ofensas ao pudor . . . . .	3
Desórdem . . . . .	3
Violação . . . . .	3
Contrabando . . . . .	3
Vadiagem . . . . .	3
Fogo pôsto. . . . .	3
Embriaguês . . . . .	3
Porte de arma proibida . . . . .	2
Falsificação de gêneros . . . . .	2
Transgressão . . . . .	2
Falsificação de documentos . . . . .	2
Embriaguês e desórdem . . . . .	1
Obscenidades . . . . .	1
Envenenamento . . . . .	1
Bigamia . . . . .	1
Incesto . . . . .	1
Adultério . . . . .	1
Sodomia . . . . .	1
Imoralidades . . . . .	1
Quebra fraudulenta . . . . .	1
Total . . . . .	350

Para facilitar êste estudo, agrupei em cinco categorias os referidos criminosos. Na 1.<sup>a</sup>, reüni os que praticaram delitos contra a propriedade, nas suas diferentes modalidades; na 2.<sup>a</sup>, os de carácter sexual; na 3.<sup>a</sup>, os de crimes violentos; na 4.<sup>a</sup>, os de delitos contra os costumes sociais; na 5.<sup>a</sup>, os de vária ordem, leves e vulgares.

A freqüência dos tipos morfológicos de Sigaud-Mac-Auliffe é (Figs. 9 a 18):

Tipo respiratório . . .	165 indivíduos . . .	47 %
Tipo muscular . . . . .	105 indivíduos . . . . .	30 %
Tipo digestivo . . . . .	25 indivíduos . . . . .	7 %
Tipo cerebral . . . . .	55 indivíduos . . . . .	15.7 %

O tipo mais freqüente é, pois, o respiratório, sendo menos comum o cerebral. A única tabela portuguesa que possuímos para comparar estes resultados deve-se ao prof. Mendes Corrêa e refere-se a 298 indivíduos não criminosos da Beira-Alta; as percentagens são, contudo, diferentes das que obtive, excepto na que respeita ao tipo digestivo (1). Vejamos:

Tipo respiratório . . .	229 indivíduos . . .	76.8 %
Tipo muscular . . . . .	37 indivíduos . . . . .	12.4 %
Tipo digestivo . . . . .	23 indivíduos . . . . .	7.7 %
Tipo cerebral . . . . .	9 indivíduos . . . . .	3.0 %

Nesse trabalho, o prof. Mendes Corrêa coteja a sua tabela com a de Mac-Auliffe em não delinquentes franceses; a diversidade é também notória. Confrontando estas tabelas melhor se verá tal diferença:

	MENDES CORRÊA	MAC-AULIFFE	LUÍS DE PINA
Tipo respiratório . . .	76.8 %	30 %	47.1 %
Tipo muscular . . . . .	12.4 %	47 %	30.0 %
Tipo digestivo . . . . .	7.7 %	14 %	7.1 %
Tipo cerebral . . . . .	3.0 %	9 %	15.7 %

(1) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*. Ob. cit.

O que imediatamente se nota é a menor diferença entre as minhas percentagens e as de Mac-Auliffe e a dissemelhança entre estas e as de Mendes Corrêa; não pretendo explicar o caso, porque teria de cotejar duas séries de indivíduos não criminosos com outra de criminosos, acrescentando que uma delas diz respeito a

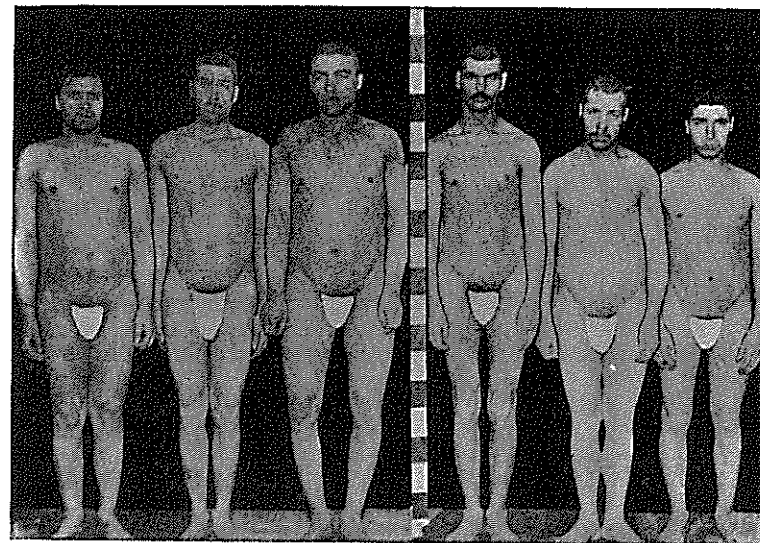


Fig. 9 — Exemplos de tipos morfológicos em delinquentes (Obs. do autor)  
Da esquerda para a direita: muscular, respiratório, muscular, respiratório, digestivo, muscular.

estranheiros. Farei, somente, algumas considerações sobre as duas séries portuguesas. Não pretendo, de forma alguma, assacar as diferenças a uma especial freqüência de tipos em criminosos; dessa forma, teria de aceitar uma menor freqüência de respiratórios nos delinquentes, a par duma maior percentagem de musculares e cerebrais.

O número de respiratórios na série do prof. Mendes Corrêa é muito elevado, sendo de-veras baixa a freqüência dos musculares.

A falta de outras séries, obtidas somente com indivíduos do Norte do País — a admitir-se influências regionais — não me permite esclarecer o assunto. Devo notar que, na minha série, como na do prof. Mendes Corrêa, a percentagem de digestivos é muito inferior, em desacôrdo com a afirmação de Czekanowski (a que o

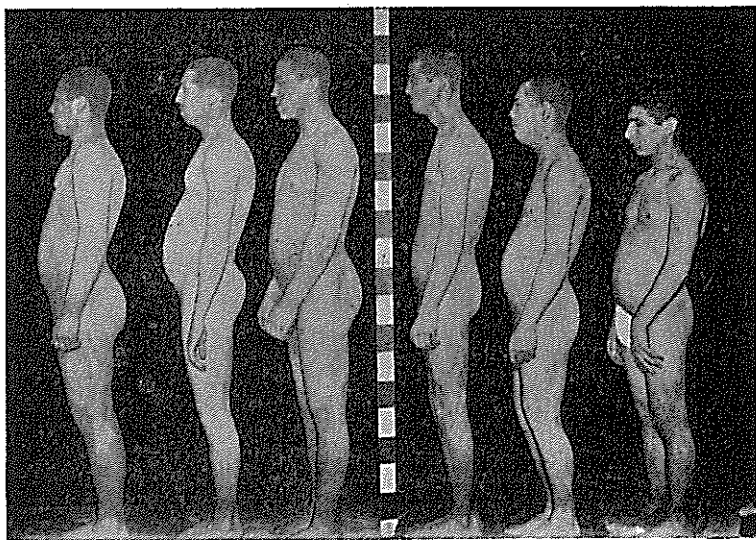


Fig. 10 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Os mesmos da figura anterior (perfil)

ilustre professor se refere na mencionada lição) que apresenta o tipo digestivo predominando na raça iberò-insular.

Se as diferenças regionais não existem e se os erros pessoais de observação são mínimos, teremos realmente de aceitar a explicação que, há pouco, tímida e resumidamente fiz. Mas, confesso-o francamente, acho nulas as diferenças morfológicas entre não delinqüentes e delinqüentes. Encorajam-me na afirmação os estudos de certos autores, e alguns meus sôbre o assunto. E, contudo, têm-me passado pelos olhos, no serviço que chefiou, alguns milha-

res de criminosos. Em vários e muito ligeiros trabalhos de Antropologia criminal o deixei expresso (1).

Passo agora a apresentar o que pude colhêr no que respeita às afinidades entre formas de delito e tipos referidos. Neste quadro resumo essa investigação:

	Respira- tórios	Muscu- lares	Diges- tivos	Cere- brais
Grupo I — Furto, ab. de conf., contrab., falsif., etc. . .	91	47	11	32
Grupo II — Violação, estupro, incesto, etc. . . . .	11	6	2	7
Grupo III — Homicídio vol., hom. frust., of. corp., etc.	49	43	10	7
Grupo IV — Embriaguês, desórden, vádiagem, etc. . .	12	8	—	7
Grupo V — Transgressões, etc. . . . .	2	1	2	2
Total . . . . .	165	105	25	55

As respectivas percentagens são:

	Respiratórios	Musculares	Digestivos	Cerebrais
Grupo I . . . . .	55.1	44.7	44.0	58.1
Grupo II . . . . .	6.6	5.7	8.0	12.7
Grupo III . . . . .	29.6	40.9	40.0	12.7
Grupo IV . . . . .	7.2	7.6	—	12.7
Grupo V . . . . .	1.2	0.9	8.0	3.6

Vejamos o que se aprende nesta tabela. É certo que um número muito maior de indivíduos nos daria melhores resultados, pois assim aumentaria o de cerebrais e digestivos. Porém, mesmo assim, estabeleceremos algumas considerações.

No que respeita a delitos contra a propriedade, são mais frequentes nos respiratórios e mais particularmente nos cerebrais;

(1) Luís de Pina. Vidè Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, etc., vol. I. Pôrto, 1932.

praticam mais crimes sexuais êstes últimos: os musculares e respiratórios aparecem em menor percentagem na prática dêsses delitos; no que respeita a crimes violentos, a diferença é nítida: os cerebrais são pouco freqüentes, sendo mais pesados nêsse



Fig. 11 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
*Digestivos*

grupo os tipos muscular e digestivo; no IV grupo não aparece um só digestivo, sendo em maior número os cerebrais; o V grupo compõe-se sòmente de sete delinqüentes; se bem que apresente a sua percentagem, sôbre ela não faço considerações, devido a ser restrito êsse número; porém, mesmo assim, é mais pesada nos digestivos.

Em resumo: pode estabelecer-se êste esquema da relação entre delitos e tipos morfológicos:

Ladrões, falsificadores, etc. . . . .	Cerebrais e respiratórios
Delinqüentes sexuais . . . . .	Cerebrais
Assassinos, agressores, etc. . . . .	Musculares e digestivos
Vadios, êbrios, desordeiros, etc. . . . .	Cerebrais
Transgressores vulgares, etc. . . . .	Digestivos

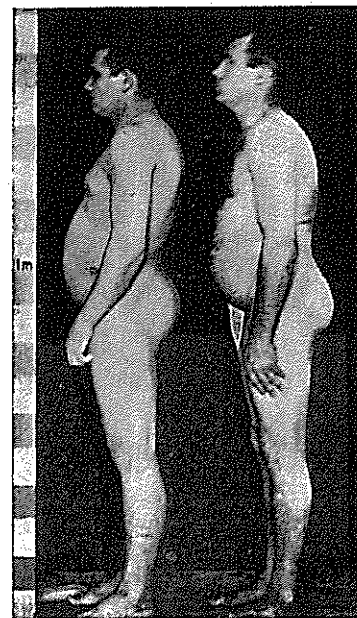


Fig. 12 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Os mesmos da figura anterior (perfil)

Mais se colhe dêstes quadros que os respiratórios são, muito particularmente, ladrões, falsificadores, etc., aparecendo nas restantes classes de delitos em percentagem menor que qualquer outro tipo.

Infelizmente, não existem análogas estatísticas portuguesas,

para confronto. Valer-me-ei, até certo ponto, das estrangeiras; e digo até certo ponto, porque os autores que conheço utilizam outro método de estudo, seguindo diferente escola tipológica. São muitos êsses investigadores, que procuraram a relação entre de-

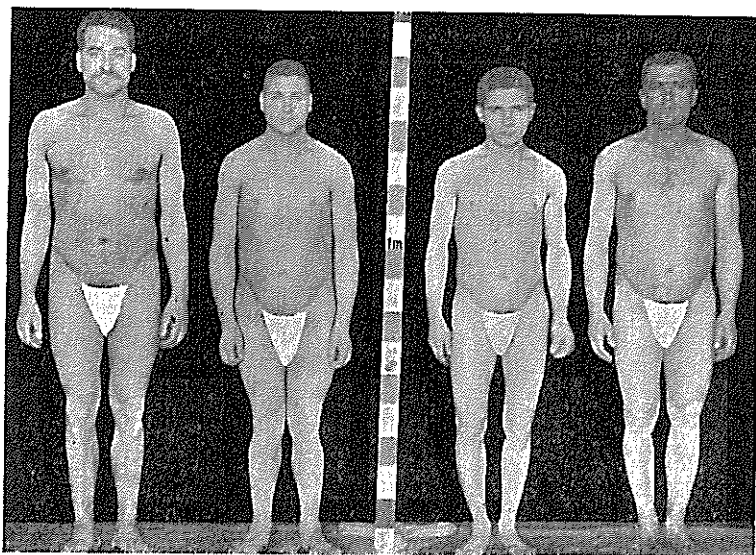


Fig. 13 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Da esquerda para a direita: *muscular, digestivo, cerebral, muscular*

lito e morfologia e entre esta e a demência: Willemse, Gaupp, Boxich, Cabitto, Vidoni, Kretschmer, Boschi, Pellegrini, Ravà, Tommasi, Lugiato, etc., etc.

Como os tipos constitucionais das diferentes escolas variam, podendo, no entanto, identificar-se com os de Sigaud-Mac-Auliffe, devo apresentar essas correspondências para, em seguida, confrontar os meus resultados com os de alguns daqueles investiga-

dores. Para isso utilizarei as indicações de Pende, Mac-Auliffe, Mendes Corrêa, etc. (1):

**Tipo respiratório** — Leptosoma (Kretschmer), estenò-plástico (Bounack), heteròtónico muscular (Bounack), longo ou micrò-esplâncnico (Viola), linear (Stockard), hiper-ontò-mórfico (Bean), etc.

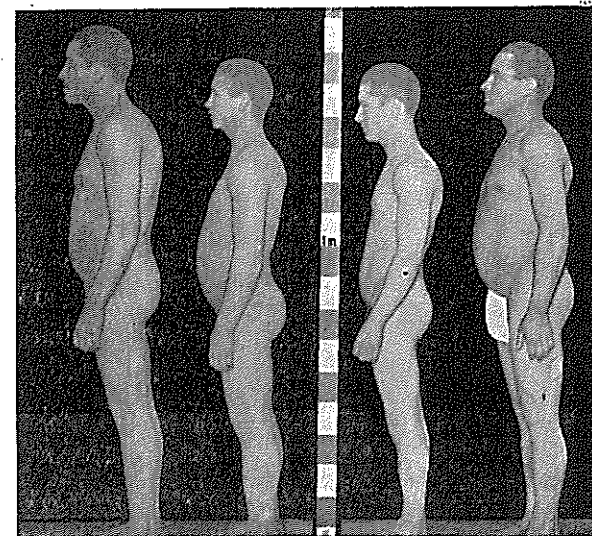


Fig. 14 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

**Tipo muscular** — Atlético (Kretschmer), mesò-plástico ou arquiteônico muscular (Bounack), normal (outros autores), etc.

**Tipo digestivo** — Pícnico (Kretschmer), apoplético ou artrítico (patologistas), euriplástico ou arquiteônico nutritivo (Bounack), macrò-esplâncnico (Viola), variedade adiposa do tipo curto (Sterne), lateral (Stockard), etc.

**Tipo cerebral** — Infantil (patologistas), nervoso, sub-plástico (Bounac), oligotónico nutritivo (Bounack).

(1) O citado manual de Berardinelli insere um quadro de correspondências idêntico ao que apresentamos, mais completo e pouco diferente do nosso.



Assentes estas correspondências, poderemos estabelecer o seguinte paralelo, orientado pelos dois ectipos fundamentais de Pende, *longilíneo* e *brevilíneo*:

<b>Longilíneo</b>	<b>Brevilíneo</b>
<i>(Longitipo — PENDE)</i>	<i>(Braquitipo — PENDE)</i>
Habitus phtysicus (micrò-esplâncnico (Viola) .	Habitus apoplecticus (macrò-esplâncnico (Viola)
Chato (Mac-Auliffe) . . . . .	Redondo (Mac-Auliffe)
Estenò-tipo (Castaldi) . . . . .	Plati-tipo (Castaldi)
Estenò-plástico (Bounack) . . . . .	Euri-plástico (Bounack)
I Combinação (De Giovanni) . . . . .	III Combinação (De Giovanni)
Linear (Stockard) . . . . .	Lateral (Stockard)
Muscular (Respiratório? Cerebral?) (Sigaud-Mac-Auliffe). . . . .	Digestivo (Sigaud-Mac-Auliffe)
Esquizóide (leptosomas, displásticos: astênicos) (Kretschmer) . . . . .	Ciclóide (Kretschmer)
Catabólico hipò-vegetativo (simpático) (Pende)	Anabólico hipervegetativo (parasimpático) (Pende)
Hipertiroideu (Pende) . . . . .	Hipòtiroideu (Pende)
Hipò-suprarrenalico (Pende) . . . . .	. . . . .
Hiperpituitárico (Pende) . . . . .	. . . . .
Hipostênico, distênico (Pende) . . . . .	Hiperatênico (Pende)
Instável (Pende) . . . . .	Estável (Pende)
Taquiprágico (Pende) . . . . .	Bradiprágico (Pende)

**Sub-tipos (PENDE)**

Morfológicamente hiper-evolutivo . . . . .	Verdadeiro tipo apoplético
Hipersômico acromegalóide. . . . .	Linfático venoso
Hipoplástico tímò-linfático . . . . .	Hábito brevilineo atlético
Enucóide longilíneo . . . . .	Hipersexual

**Variedades (PENDE)**

Hiper-tiroideu-hiper-pituitárico . . . . .	Hipòtiroideu-hipòpituitárico
Hiper-tiroideu-hipòsuprarrenalico . . . . .	Hipòtiroideu-hipòsuprarrenal
Hiper-tiroideu-hipògenital . . . . .	Hipòtiroideu-hipergenital
Hiper-tiroideu-hipòparatiroideu . . . . .	. . . . .

No que respeita à identificação do tipo respiratório com o tipo astênico da escola alemã e o longilíneo da italiana, o próprio Mac-Auliffe a contraria, como afirma Pende (1). Êste autor identi-

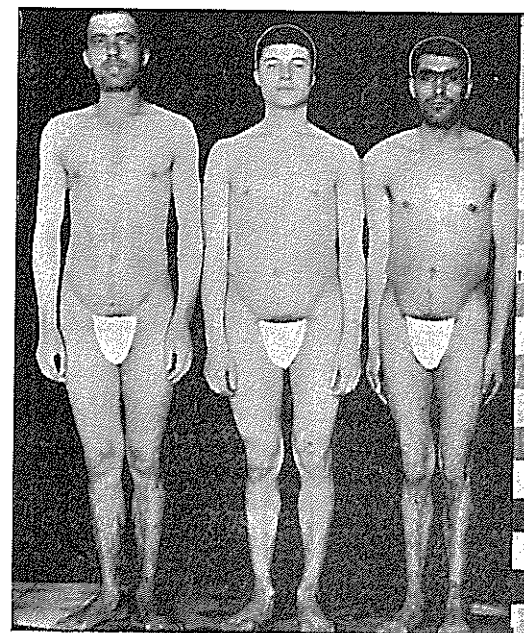


Fig. 15 — Exemplos de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Da esquerda para a direita: *respiratório, muscular, muscular*

fica os tipos franceses muscular e cerebral com o longilíneo; o respiratório e o digestivo com o brevilíneo. Nas correspondências que nesse trabalho apresenta, Pende coloca os digestivos irregulares de Mac-Auliffe entre os macrò-esplâncnicos e os muscular e cerebral do mesmo autor entre os micrò-esplâncnicos, não entrando em consideração com o tipo respiratório.

(1) Nicola Pende, *Le debolezze de costituzione*. Roma, 1328.

Vejamos, agora, o que dizem certos autores sôbre correlação entre delito e constituição. Landogna Cassogne (1) observou que, entre os assassinos, predomina o tipo megalô- ou macrô-esplâncnico (hiper-vegetativo, brevilíneo); entre os ladrões, o tipo micrô-esplân-

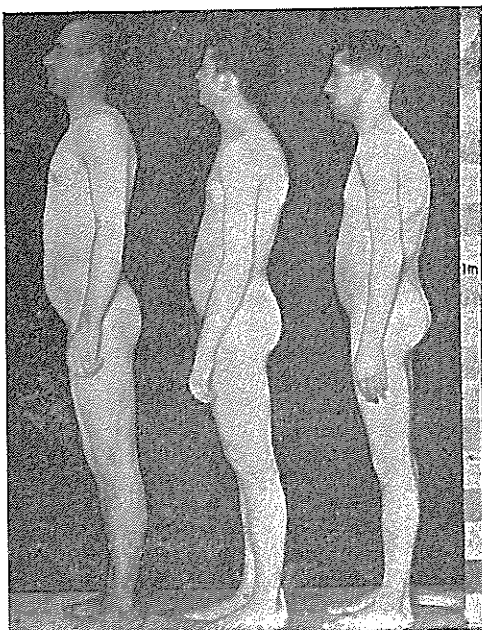


Fig. 16 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

cnico (hipô-vegetativo, longilíneo). Feitas as necessárias correspondências com os tipos que observei nos delinqüentes, verifica-se que condizem os resultados obtidos. Assim o havia observado Boxich (2).

(1) Nicola Pende, *Trabajos recientes sobre endocrinología*, etc. Ob. cit.

(2) Idem, idem.

As investigações de Vidoni levam a idênticos resultados (1). Este cientista encontrou 50 % de brevilíneos nos autores de delitos violentos e 12 % nos que não usaram violência; encontrou o

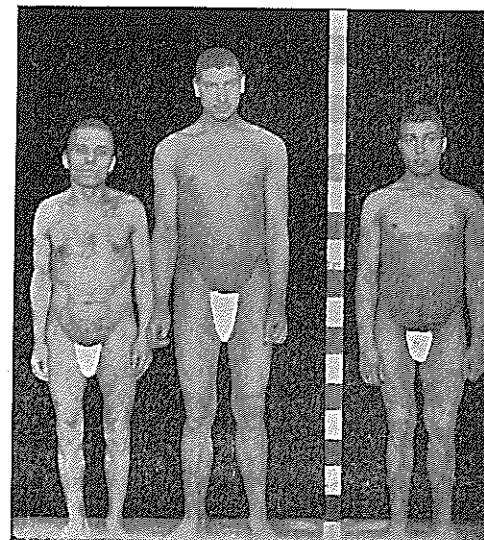


Fig. 17 — Exemplares de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Da esquerda para a direita: cerebral, muscular, muscular

longilíneo em 18 % dos criminosos violentos, 44 % nos não violentos.

Nos criminosos contra a moral colheu Vidoni freqüência do tipo brevilíneo, hiper-vegetativo, de baixa estatura (variedade hiper-genital de Pende).

Nos delituosos sexuais da minha série o mesmo se observa, notando-se que predominam, como autores desses crimes, os cerebrais, de baixa estatura.

Em 116 menores delinqüentes Vidoni e Cabitto descobriram

(1) Idem, idem.

21.9 % do tipo micrò-esplâncnico e 41 % do tipo macrò-esplâncnico (1).

Já Lombroso e Göring haviam notado a prevalência, entre os delinqüentes, do tipo brevilineo, de estatura baixa (2).

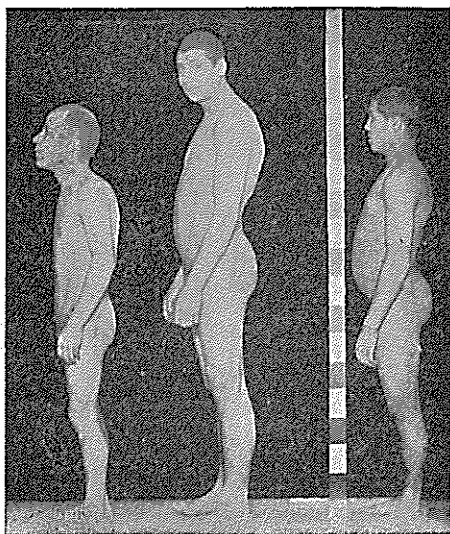


Fig. 18 — Exemplar de tipos morfológicos em delinqüentes (Obs. do autor)  
Os mesmos da fig. anterior (perfil)

Esclareço que nas minhas fichas registei o pêso e a estatura de todos os delinqüentes; no que respeita a esta, verifica-se que os cerebrais são os mais baixos de todos, seguindo-se-lhes os digestivos; entre os musculares e respiratórios não há diferenças estaturais, sendo êstes tipos os mais altos dos quatro. As médias oscilam à volta de 1<sup>m</sup>,570 nos cerebrais, 1<sup>m</sup>,600 nos digestivos e 1<sup>m</sup>,640 nos respiratórios e musculares.

(1) Vidoni e Cabilto, *Contributo allo studio della personalità in Antropologia Criminale*. (Cit. por R. Funes, em *Endocrinologia y Criminalidad*). Madrid, 1929.

(2) Nicola Pende, *Trabajos recientes*, etc. Ob. cit.

Outros investigadores estudaram o endocrinismo nos criminosos, chegando a conclusões que, por paralelismo com os tipos morfológicos, se aproximam das minhas e das dos autores que citei; entre aqueles investigadores contam-se Morris, Schlapp, Berman, Timme, etc.

Pende resume a questão dizendo que os autores de delitos não violentos são longilíneos, hiper-tiroideus, hiper-suprarrenânicos, hipò-genitais e hipò-pituitânicos; nos de crimes violentos predomina o tipo brevilineo, hipò-tiroideu, hiper-pituitârico, hipò-suprarrenal, hiper-genital (1).

Se bem que haja sempre entusiasmos e exageros, fáceis de compreender, quando nasce uma doutrina e começa a propagar-se, não deixam de ser surpreendentes estes primeiros resultados do estudo dos criminosos debaixo do ponto de vista morfò-psicò-endòcrinico. Contudo «*é prematuro pretender estabelecer uma classificação exclusivamente endocrinológica dos delinqüentes*», diz o prof. Mendes Corrêa (2).

Atendendo a estas dúvidas e instabilidades, é lícito ampliar cada vez mais o estudo do delinqüente; são, portanto, bem aplicadas aqui as palavras de Giuseppe Vidoni:

«*Per questo si sente vivo il bisogno di approfondire ulteriormente la individualità del criminale nei suoi dati genotipici e costellativi onde penetrarne la trama della complessa personalità, che, a traverso le nuove indagini, si manifesta quale un tutto unico nei suoi aspetti fisici, funzionali e psichi*» (3).

(Trabalho subvencionado pela Junta de Educação Nacional).

(1) Idem, idem.

(2) Mendes Corrêa, *Introdução à Antropobiologia*, etc. Ob. cit.

(3) Giuseppe Vidoni, *Lo studio morfologico del delinquente*. «*Endocrinologia e patologia costituzionale*», n.º 1, vol. 1. Bologna, 1926.